



RELACIONAMENTO ENTRE IRMÃOS

A decisão de ter filhos, geralmente, acontece de forma conjunta em função da avaliação consciente do desejo e disponibilidade do casal. As crianças enchem nossas vidas de sentido, amor e alegrias, mas também de responsabilidades, cuidados, preocupações, tarefas e gastos. Quando o casal decide ter mais filhos, certamente encontrará uma diversidade de novos desafios. Vamos refletir um pouco sobre alguns deles?

PREPARATIVOS

- A decisão de ter irmãos não cabe ao primogênito, bem como a escolha do nome e do sexo do bebê. Deixar isso claro diminui a ansiedade da criança e a poupa de frustrações desnecessárias.
- Convém contar da gravidez o quanto antes para o primogênito para que ele continue sentindo-se como parte da família. Poupar-lo dessa informação cria oportunidade para o senso de exclusão e de imaginações fantasiosas, pois ele pode ficar sabendo por terceiros ou por percepção e desconfiança próprias sem explicações adequadas, visto que as crianças são mais sensíveis do que imaginamos para perceber mudanças na disposição e comportamento dos pais.
- Não crie falsas expectativas na tentativa de construir um significado positivo da chegada de um bebê: ele não virá para brincar com o irmão, não será um bom companheiro logo de início e, dependendo da idade do primogênito, a compreensão desse tempo é impossível por questões maturacionais. Mas a confiança depositada nas informações dos pais é concreta e, assim, pode ser traída.
- Procure dar explicações sobre a gravidez de acordo com a linguagem e idade da criança: use falas simples e curtas quando ela é pequena (até cerca de 3 ou 4 anos), seja claro sem fazer uso de analogias - a segurança e, portanto, a verdade são de maior importância para a criança do que as informações em si. O excesso delas confunde e gera ansiedade. Encare as perguntas da criança com naturalidade sem esconder ou enganar, apenas poupe-a de detalhes que possam ser desnecessários.
- O assunto pode ser evitado quando muito recorrente diante do primogênito, mas não é preciso disfarçar o tema na frente da criança. Procure envolvê-la na conversa respeitando seu interesse (ou não) em participar. Peça ajuda para contar algo sobre o que está sendo falado.
- O primogênito pode e deve ser convidado, em algumas situações, a cooperar nos preparativos para a chegada do bebê, mas se não demonstrar interesse, deve ser respeitado. Ajudar a cuidar do bebê e de suas coisas deve ser um convite, um estímulo construído ao longo do tempo, e não uma responsabilidade ou exigência a ser cumprida. Criança deve ser criança e não cuidador.

- Procure antecipar mudanças previsíveis na estrutura da casa e na rotina do primogênito para que ele entenda que elas fazem parte de cuidados com ele também e não apenas restritos ao bebê. Já acontecerão muitas mudanças com a chegada do novo membro. A antecipação de alterações funcionam como preparativos para a adaptação da família como um todo. Dentre elas estão a mudança de cama e a estruturação da rotina da criança conforme disponibilidade e convívio dos pais (horários na escola, permanência com avós).
- Ou seja, procure estruturar a rede de apoio à família antecipadamente, desde a divisão de cuidados do primogênito entre os pais, com avós, escola ou outros adultos, até a organização das tarefas da casa, o transporte, suporte médico aos familiares etc.
- Resgate a história da vida do primogênito por meio de álbum de fotografias ou livros infantis¹ sobre o assunto. Não é preciso fazer referência à chegada do novo bebê. A intenção é que ele possa utilizar a própria experiência (que é muito mais significativa do que qualquer explicação que não diz respeito a ele) para compreender o que está acontecendo ou virá a acontecer.

CHEGADA: O NASCIMENTO

- Se possível, permita que a criança escolha onde e com quem quer ficar durante o nascimento do bebê. O contexto escolhido poderá lhe oferecer mais acertadamente acolhimento e segurança.
- Procure manter a rotina do primogênito, especialmente se ele for pequeno (menor de 4 anos), pois muitas mudanças dificultam o processo de adaptação. Mas, em horários ociosos na ausência dos pais, incentive que o cuidador lhe proporcione atividades e passeios interessantes.
- Se houver oportunidade de despedida na saída para a maternidade, faça como de costume, com naturalidade e tranquilidade, explicando como será a rotina do dia. Isso fará com que a criança sintase como parte dos acontecimentos, mais do que "se não ficar sabendo de nada" e não fique excessivamente ansiosa por imaginar além da realidade.
- Muitas crianças se beneficiam do contato com a mãe no período de uma hospitalização. Mas, às vezes, ele pode ser penoso, inclusive para a mãe. Se houver vontade de um telefonema ou de uma visita ao hospital, programe os detalhes. Uma visita, por exemplo, deve acontecer quando a mãe estiver preparada e arrumada para receber o primogênito, sem toda aquela "parafernália" médica de soros, medicações, injeções, pois a criança pode ficar impressionada ou imaginar que "o bebê deixou sua mãe doente".
- Algumas pessoas oferecem um presente ao primogênito como se fosse dado pelo recém-nascido. Isso pode dar a entender que o presente pretende substituir o afeto e a atenção diminuídos a partir de agora ou "distrain" a criança da atenção dispendida ao bebê. Além disso, as crianças são mais sabidas do que imaginamos e podem perceber que estão sendo enganadas pelos pais: como um bebê que "não sabe fazer nada" pode lhe comprar um presente? Tal situação configura uma mentira por parte dos pais, especialmente, se for oferecida à criança a possibilidade de escolher qual presente quer. Além disso, corre-se o risco de desfocar significamente a atenção à chegada do bebê, situação esta que terá de ser enfrentada impreterivelmente. Aprecio a ideia de que o primogênito escolha e leve um presente à mãe (talvez até ao irmão) assim como as visitas fazem. Poderá se sentir importante por

¹ A CRIANÇA MAIS IMPORTANTE DO MUNDO – Renata Pettengil, Laurosse Junior.
E AGORA? VÃO TOMAR O MEU LUGAR? e PARA COM ISSO, PIRRALHO! – Bel Linares e Alcy, Salamandra
VOU GANHAR UM IRMÃOZINHO – Kes Gray e Sarah Nay, Panda Books

isso, valorizado em sua posição de quem "não precisa ser protegido de tudo" (sem se perceber em situação de fragilidade ou vulnerabilidade) e, também, compreender melhor as visitas.

- Por falar em presentes e também no encantamento que as visitas trazem quando vão conhecer o bebê, não é necessário esconder do mais velho ou disfarçar. O importante é agir com naturalidade e, se houver interesse, oferecer que o mais velho ajude a abrir ou guardar os presentes ou, ainda, participe da conversa, contando ou mostrando algo do bebê ou de si mesmo. Ele não precisa ser o primeiro necessariamente a ser cumprimentado; pode ser incluído, por exemplo, para apresentar o irmão - se quiser. A assertividade dos pais favorece positivamente essas experiências e, desde já, os sentimentos que um irmão nutre em relação ao outro. Cuidado para não exagerar no "protecionismo" ao mais velho, isso certificará sua posição de perda.

- Tanto se prepara para a chegada do bebê que se esquece de organizar a chegada de todos à casa, quando há hospitalização. A estadia no hospital é cômoda: não há de se pensar na alimentação, nem nos horários e compra de medicamentos, nem na limpeza ou acomodação das pessoas. Quando se chega em casa, será necessário pensar em tudo isso e, ainda, apresentar os irmãos de forma mais íntima, bem como dividir a atenção conforme as necessidades de cada um, a exemplo, as amamentações do caçula. Se essa organização puder ser antecipada (talvez com apoio de terceiro), será possível uma primeira experiência de contato positiva no ambiente familiar.

- A amamentação exige atenção praticamente exclusiva, colo e tranquilidade e pode ser um dos momentos mais difíceis para a mãe que sente pela divisão de atenção, talvez mais do que a criança mais velha. Cuidado redobrado com as falas nesse momento. Procure resgatar a história do primogênito sobre sua vez de mamar com a mãe, e, se possível, fazer combinados sobre um tempo de silêncio e paciência para a mãe (e não como um benefício ou exigência do bebê). Se o mais velho pedir para mamar, e não bastar explicar sobre sua vez, a mãe pode avaliar se fica à vontade para deixar que ele experimente, enfatizando, porém, o caráter temporário, de experimentação.

- Novamente, vale ressaltar que o primogênito pode ser convidado a cooperar nos cuidados com o bebê (pegar fraldas, segurar pomada, escolher roupas, conversar com o bebê durante a troca, ajudar a empurrar o carrinho), mas respeitado se não quiser, pois a responsabilidade de cuidar de um bebê é uma tarefa adulta. Já basta ele ter que lidar com os próprios sentimentos, que dirá, ainda, sentir que pode decepcionar a expectativa dos pais.

O PAI

Embora existam diferentes perfis de envolvimento e participação dos pais nos cuidados com os filhos (por questões não só culturais, mas também individuais), eles possuem papel fundamental na chegada de um novo filho. O pai é a principal figura de apoio a todos, capaz de equilibrar as relações familiares, pois é a única pessoa que não está em relação direta de dependência, e tem flexibilidade e tranquilidade para oferecer suporte tanto prático quanto emocional, especialmente, à mãe. Seu papel não é substituir a mãe nos cuidados e atenção com o mais velho - as mães são insubstituíveis, assim como os pais. É sim suprir o equilíbrio de atenção e tarefas entre todos. Para tanto, é importante que elabore seus possíveis sentimentos de favoritismo em relação ao primogênito - naturalmente este vínculo já está construído (diferente do bebê com quem ainda não tem o mesmo convívio nem afeto) e os cuidados com uma criança mais autônoma também são mais fáceis do que com um recém nascido. Assim, não convém que o pai tenha menor valor no papel de cuidador do bebê, bem como não tenha

supervalorização como cuidador do primogênito - a mãe sente tanto vontade de cuidar do mais velho quanto indisponibilidade para isso. Além de tudo, o pai pode nem perceber, mas sentirá também, por sua vez, a falta de atenção na conjugalidade da relação. É preciso fazer uso da consciência de forma que mesmo essa sua necessidade de afeto ajude a esposa a equilibrar sua dedicação a si mesmo, aos filhos e ao casal - que, conjuntamente, decidiu por desejo e disponibilidade próprios ter filhos.

MUDANÇAS DE COMPORTAMENTO (da gravidez aos 2 anos do caçula)

Algumas alterações no comportamento do primogênito são esperadas ou pela chegada em si de um novo membro na família e suas conseqüentes adaptações, ou por sua fase de desenvolvimento, ou, ainda, por mudanças no estilo disciplinar dos pais.

- Crises de raiva, choro, birras, ciúmes, frustrações podem acontecer com mais frequência e intensidade. Elas podem ser direcionadas aos pais (principalmente à mãe) e não acontecem necessária ou unicamente no nascimento do bebê, até porque ele ainda pode ser inofensivo: praticamente apenas dorme, chora e mama. Mas ainda irá fazer gracinhas, falar, engatinhar, andar, enfim, ter suas próprias conquistas em direção ao desenvolvimento do mais velho. O ideal é não negar os sentimentos da criança, mas ajudá-la a reconhecê-los e expressá-los da melhor forma possível. É preciso oferecer um "contingente": um espaço protetor que permita que ela se expresse e, ao mesmo tempo, que contenha suas atitudes inadequadas - dê limites. Os sentimentos podem ser compreendidos, mas algumas atitudes simplesmente não têm espaço para acontecer.

- As travessuras podem surgir ou aumentar: o mais velho também tem ganhos com certa liberdade em função de qualquer diminuição de atenção, por mínima que seja. Ele aproveita pra experimentar o mundo de uma forma que nunca o fez antes, fica ousado. E quando percebe o impacto das suas ousadias nos adultos, mesmo diante de broncas, entende como um ganho de atenção combinado com o ganho de liberdade - quem não gosta disso?... Cuidado com as reações diante das travessuras: reações intensas supervalorizam a ação da criança. Valorize sim sua criatividade - a capacidade estratégica de descobrir o mundo, mas a ajude a perceber e arcar com as conseqüências de suas atitudes. Afinal, a liberdade está intrinsecamente ligada à responsabilidade.

- Regressões: a criança pode ficar mais chorona, insistir no pedido de colo, fazer (mais ou de novo) uso da chupeta e da mamadeira, deixar escapar o xixi, acordar várias vezes à noite ou querer dormir com os pais, infantilizar sua fala, recusar-se a comer ou querer que a comida seja dada na boca. Neste momento, a criança vivencia uma dualidade de sentimentos: o amor e a raiva pelos pais e pelo bebê, a aceitação e a rejeição, o ganho de autonomia e o senso de dependência. "Será que estou mesmo pronto para desbravar esse mundo novo? O conhecido me parece bem mais seguro." Apresentar comportamentos de bebê é um meio seguro para enfrentar situações de ansiedade, bem como um recurso para desviar a atenção materna do bebê e da gestação. Não são comportamentos que devem ser estimulados, entretanto, é importante que a criança se sinta compreendida, tenha certeza de que, mesmo "se quiser voltar a ser bebê", será acolhida, ensinada e amada como sempre. Quando a criança percebe que é aceita, tende a retornar a seu lugar, pois predominam as forças do crescimento. A satisfação da autonomia, do reconhecimento de capacidades e habilidades, associados ao sentimento de apreço superam os comportamentos regressivos. Mas será preciso algum tempo para que ela possa vivenciar essa crise e resgatar a confiança em si mesma. Não respeitar esse tempo é o mesmo que criar uma nova barreira a ser transposta no processo de desenvolvimento da criança.

ATITUDES E PRÁTICAS DOS PAIS FAVORÁVEIS

- As crianças experimentam sentimentos ambíguos diante das novidades, precisam desse tempo também para conhecer o irmão e construir uma relação com ele - a relação não vem pronta. Procure falar com as crianças mais fazendo uso de seus nomes do que as chamando de "irmão" ou "irmã". A relação não poderá ser imposta, será construída. Desapegue-se da expectativa de que eles se amem. As relações entre irmãos construídas no intuito de atender as expectativas dos pais não são consistentes, tendem ao afastamento conforme ficam adultos e independentes.
- Diante dos desafios na educação dos filhos, os pais têm a oportunidade (consciente ou não) de resgatar e reorganizar sua própria experiência como criança. A forma como lidam com as relações entre os filhos está impregnada de sua vivência como filhos e como irmãos. Talvez a melhor para lidar com esses desafios seja que os pais procurem reconhecer seus próprios sentimentos, se conhecer melhor na sua história antiga e atual. Se possível, vale procurar seus próprios irmãos para conversar a fim de compreender melhor tanto sua experiência como do "papel oposto".
- Todos os membros da família se beneficiam quando têm a oportunidade não só do convívio coletivo, mas também exclusivo. Crie situações e momentos, mesmo que rápidos (como uma ida à padaria) de convívio a sós: do pai com a mãe, do pai com cada filho, da mãe com cada filho e, mais tarde, das crianças entre si. Se possível, anuncie antecipadamente os horários de encontro. Faça isso, especialmente, se as relações estiverem tensas - as pessoas precisam de momentos de "respiro" na convivência. Os pais escolheram-se entre si, os filhos não escolheram quem seriam seus irmãos.
- Permita que as crianças se conheçam, crie oportunidades de convívio entre elas desde cedo independente da presença ou da mediação dos pais ou de outros adultos próximos.
- Individualidade x igualdade: é impossível tratar os filhos igualmente, pois cada pessoa é única. O tratamento deve ser individualizado e não comparativo. A comparação estimula fortemente a competição e rivalidade entre os irmãos. É possível falar abertamente das diferenças sem emitir juízo de valor, especialmente, se a fala for dirigida à criança referida: não diga por meio de uma criança o que quer dizer para a outra. Se tem um elogio a fazer, fale diretamente para o beneficiado, e idem para críticas. Se necessário, também o faça de forma particular. Não cobre de um aquilo que está valorizando no outro. Equilibre suas falas, a igualdade está aí: na capacidade de reconhecer qualidades em ambas as crianças, bem como apontar questões a serem melhoradas para ambas.
- O que move os comentários comparativos são as nossas emoções. Tome consciência de seus favoritismos e preconceitos e procure não transparecê-los. Utilize a habilidade de descrever o que observa, diga o que aprecia e o que não aprecia. Reconhecer esses sentimentos de parcialidade e controlar a expressão dos mesmos minimiza a culpa sentida diante deles.
- Muitas vezes, sem nos darmos conta, atribuímos papéis aos filhos como, por exemplo, "a vítima" e o "problemático". Eles experimentam diferentes papéis ao longo da relação em família, mas tendem a antagonizar-se. Flexibilize esses rótulos, libere-os para mudanças.
- Desencoraje as fofocas: quando uma criança vier denunciar a outra, peça que cuide do que é de sua responsabilidade e dê oportunidade para a outra se explicar.

BRIGAS E CONFLITOS: COMO E QUANDO INTERFERIR?

Os pais não são bons juízes, pois dificilmente serão neutros: estão envolvidos o suficiente para serem submersos em seus sentimentos. E, por mais justo que um pai ou mãe possa ser ao interferir num

conflito entre as crianças, uma sempre acreditará que foi lesada favorecendo a rivalidade e indisposição nas relações, agora, até com os pais. As situações que acontecem entre os irmãos são questões exclusivas deles. Conceda a confiança de que podem solucionar o problema, caso contrário, nunca buscarão soluções, sempre estarão em disputa pela razão ou pela atenção e defesa/proteção dos pais. A intervenção do adulto deve ser evitada o máximo possível e, quando necessária, não pode ser a solução e sim uma mediação para desbloquear os canais de comunicação entre os filhos. A interferência de um adulto pode ajudar, apenas, a remover os obstáculos na relação.

Entretanto, a integridade física das crianças é sim de responsabilidade dos pais. A agressão não pode ser permitida por nenhuma das partes, deve ser uma regra da família. Assim, num conflito físico, os pais devem conter as crianças dando atenção tanto ao agressor quanto ao agredido: "machucar os outros não é permitido, sou responsável pela proteção de ambos". Se as crianças forem maiores e a briga for intensa, os pais podem separá-las indicando espaços diferentes da casa para ficarem no momento, até que se acalmem e possam voltar a conversar para solucionar o problema.

Seguem outras dicas:

- Se a criança vier lhe falar do outro, peça que fale de si mesma e deixe que o irmão fale por ele.
- Se a criança não souber falar bem ainda, observe bem a situação e fale por ela, faça a tradução ou dê modelos. Exemplo: "Você ficou brava não é? Mas chorar não vai resolver: peça isso para 'nome'".
- Se for solicitado para intervir no conflito, poderá ouvir a versão de cada um respeitosamente, fazer a leitura ou descrição daquilo que observa e dos sentimentos deles e lhes devolver a tarefa de solução.
- Ao devolver a tarefa de solução, atribua a ambos os filhos e não a um deles. Se achar que ainda é muito difícil para eles, dê sugestões e depois "saia de campo".
- Em algumas situações que exigem empatia e cooperação, prefira afirmações ao invés de perguntas. Por exemplo: ao invés de dizer "você imagina como seu irmão ficou chateado?", diga: "tenho certeza de que consegue imaginar o quanto 'nome' está chateado!"; ao invés de "será que vocês conseguem chegar a um acordo?", diga "tenho certeza que conseguirão pensar numa solução".
- Se os conflitos forem persistentes, realize uma "reunião em família" para que todos possam conversar juntos, assim demonstrará na prática o acolhimento e a cooperação.
- Certas ocasiões permitem que os pais apoiem um dos lados, desde que se baseiem em regras ou valores da família. Ainda assim, depois de suas observações, deixe a decisão por conta dos filhos.
- Os sentimentos negativos não devem ser rejeitados ou criticados. A criança tem o direito de sentir o que vier à tona, aliás, nem tem controle sobre o que virá a sentir, mas pode adquirir controle sobre o que fazer com os sentimentos. O primeiro passo é aceitá-los, reconhecê-los, descrevê-los para a criança, apresentando modelos e formas adequadas para a expressão deles. Só a aceitação dos maus sentimentos abrem espaço para que surjam os bons.

LITERATURA PARA ADULTOS

"Irmãos sem rivalidade" - Adele Faber e Elaine Mazlish

"Momentos decisivos do desenvolvimento infantil" - Thomas Berry Brazelton

"Escola de pais: para que seu filho cresça feliz" - Luiz Lobo

"Nós estamos grávidos" - Maldonado, Disckstein, Nahoum

"Descobrimos crianças" - Violet Oaklander

"Maternidade e paternidade: a parentalidade em diferentes contextos" - Piccinini e Alvarenga (orgs.)